



**SUPERINTENDÊNCIA
DA ZONA FRANCA DE MANAUS**

www.suframa.gov.br

Clipping Local e Nacional On-line

Nesta edição **4 matérias**

Coordenação Geral de Comunicação Social - CGCOM

Manaus, quinta-feira, 24 de maio de 2012

A CRITICA

Crise atinge setor de duas rodas na Zona Franca de Manaus 1
VEICULAÇÃO LOCAL

O ESTADO DE SÃO PAULO

Siemens eleva investimento no País para US\$ 1 bi 2
VEICULAÇÃO NACIONAL

ESTADAO.COM

Déficit de confiança 4
VEICULAÇÃO NACIONAL

AMAZONAS NOTÍCIAS

Carlos Souza pede a Dilma que estenda incentivos do setor automobilístico para motocicletas 5
VEICULAÇÃO NACIONAL

	VEÍCULO A CRITICA	EDITORIA	
	TÍTULO Crise atinge setor de duas rodas na <u>Zona Franca</u> de <u>Manaus</u>		
	ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO LOCAL

Produção cai nas fábricas instaladas na ZFM e atinge as empresas do setor de componentes

A crise que atinge vários segmentos da economia brasileira está afetando toda a cadeia do setor de duas rodas. A Honda, por exemplo, deixou de produzir 14 mil motos esta semana. As fábricas de componentes também têm diminuído o ritmo de **produção**. Na ponta final, a falta de crédito tem contribuído para que concessionárias de motocicletas vendam menos, o que tem levado a demissões.

De acordo com o presidente da Associação das Indústrias e Empresas de Serviços do Polo Industrial de **Manaus** (Aficam), Cristovão Pinto, a situação do setor é muito ruim e a falta de crédito nos bancos acentua ainda mais o problema. “A Honda suspendeu as atividades na segunda e na terça-feira desta semana, deixando de produzir 14 mil motos”, disse.

Cristovão acrescenta que essa situação vai “quebrar” as fábricas de componentes, que já operam no vermelho. “Sei de fábricas de injeção plástica, de fundição e estamparia que suspenderam algumas linhas de **produção**, pois não estão tendo pedidos das montadoras”, explicou Cristovão.

Na avaliação do presidente da Aficam, o problema poderia ser resolvido se houvesse reajuste no IPI das motos **importadas** que entram no País por Fortaleza e Pernambuco, melhorando assim a situação de fábricas no **PIM** que produzem motocicletas de até 50 cilindradas, como a Kasinski.


Do outro lado, para as fábricas maiores, como Honda e a Yamaha, a saída é liberar o crédito. “Do contrário, as fábricas irão quebrar”, afirmou Cristovão.

Varejo

Na Canopus, revendedora da Honda, há, no estoque, pouco mais de mil motos. No mesmo período no ano passado, o número era de 700. “Nossas vendas caíram 20% e, por conta da retração do **mercado**, estamos concedendo descontos de até R\$ 2 mil”, afirmou o gerente Leandro Santos.

Na Braga Motos, revendedora da Yamaha, a aprovação de crédito para financiamento é de 12% ao mês. Até novembro de 2011, o índice de aprovação era de 50%. Em decorrência queda nas vendas, oito funcionários foram demitidos. “Para não ficarmos com produtos no estoque, suspendemos novas compras por três meses”, disse o gerente Hector Duran.

Na última semana, os indicadores da **Suframa**, apontaram retração na **produção** de motocicletas no **PIM** de -4,04%. Segundo a Central Única dos Trabalhadores (CUT) mais de 150 mil motocicletas estão nos pátios das fábricas e concessionárias de **Manaus** e mais de 5 mil industriários já foram demitidos. As fábricas tomaram duas medidas diante da crise, parte está dando uma folga por semana aos colaboradores e outra optou pelo benefício seguro-desemprego, utilizado quando há a suspensão do contrato, como alternativa à demissão.

	VEÍCULO O ESTADO DE SÃO PAULO	EDITORIA	
	TÍTULO Siemens eleva investimento no País para US\$ 1 bi		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

Valor, que será aplicado nos próximos cinco anos na operação brasileira, é uma revisão dos US\$ 600 milhões anunciados em 2011

Mônica Ciarelli

A multinacional alemã Siemens planeja investir US\$ 1 bilhão nos próximos cinco anos para aumentar sua presença no Brasil. Com a cifra, o grupo acredita que pode dobrar seu faturamento anual no País, alcançando a marca de US\$ 5 bilhões em 2017. "Estamos no Brasil há mais de 100 anos e nunca estivemos tão confiantes no futuro do País", afirmou Peter Solmssen, membro do conselho de administração do Grupo Siemens.

Atualmente, o Brasil é o quinto maior gerador de receitas do grupo. O investimento, na verdade, é uma revisão dos US\$ 600 milhões anunciados em 2011 para os próximos anos. A decisão de ampliar a atuação na operação brasileira teve como pano de fundo a queda dos juros e as perspectivas de avanços na política industrial brasileira.

"Há uma vontade concreta do governo em atuar nisso (política industrial)", disse o presidente do grupo no Brasil, Paulo Stark, que assumiu o cargo no fim do ano passado, após um escândalo de suposta corrupção derrubar seu antecessor, Adilson Primo, que estava no cargo havia dez anos. Segundo ele, o País hoje é muito mais interessante para investidores como a Siemens, que têm planos de desenvolver projetos de longo prazo.

O executivo lembrou que o grupo sempre tenta se antecipar aos movimentos, por isso, decidiu ampliar o tamanho da unidade brasileira. "Nossos planos não estão embasados em situações ou dinâmicas de curto prazo", frisou.

A recente disparada do dólar não foi considerada como fator determinante para o grupo aumentar investimentos. Entretanto, Stark admite que o câmbio atual torna os produtos fabricados pela Siemens no Brasil muito mais competitivos no cenário internacional. Entre os produtos exportados pela companhia estão transformadores para o mercado de energia e equipamentos de automação.

Expansão. A estratégia do grupo para crescer no País inclui a construção de um centro de pesquisa e

desenvolvimento no Rio de Janeiro até o fim deste ano e a abertura de duas novas fábricas até 2013. A primeira, uma unidade voltada ao segmento de saúde, será construída em Joinville (SC). Segundo o presidente, a Siemens tem uma forte atuação nesse setor e seus equipamentos já são responsáveis por 30% dos diagnósticos por imagem feitos no País.

Já a segunda será uma fábrica de máquinas e motores voltados para atender às necessidades do mercado brasileiro, especialmente nas áreas de mineração e petróleo e gás. O local da nova unidade ainda não foi definido, mas, segundo o executivo, deverá ser anunciado em breve.

Stark ressaltou que a fábrica vai ajudar a indústria local a atender às demandas por conteúdo local exigidas pelo governo brasileiro. Hoje, os equipamentos da companhia estão em dois terços das plataformas de petróleo em operação no País.

Segundo o executivo, o grupo ainda não definiu se pretende participar de forma direta ou indireta do leilão do trem-bala, que deve ocorrer ainda em 2012. Mas, independente da participação na disputa, a Siemens já definiu que pretende ser uma fornecedora de tecnologia e equipamentos para o consórcio vencedor do leilão. O grupo já participou de projetos de trem-bala em outros países, como a China e a Alemanha.

O presidente afirmou ainda que a companhia deve anunciar nas próximas duas ou três semanas a compra de uma empresa brasileira de redes elétricas inteligentes. O executivo não deu detalhes do negócio. Em comunicado, a Siemens informou que a empresa em negociação é líder na prestação de serviços de medição inteligente e correlatos.

Para Stark, a Siemens está expandindo suas capacidades no segmento de redes elétricas inteligentes. Em abril, a empresa abriu em Curitiba seu primeiro centro de pesquisa e desenvolvimento focado no desenvolvimento de soluções de redes inteligentes.

Compromisso

PAULO STARK

PRESIDENTE DA SIEMENS BRASIL

"Nossos planos não estão embasados em situações ou dinâmicas de curto prazo."

"Existe uma vontade concreta do governo em atuar nisso (na formação de uma política industrial efetiva)."

	VEÍCULO ESTADAO.COM	EDITORIA	
	TÍTULO Déficit de confiança		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

Se é nos momentos de dificuldades que se conhece a qualidade de um governo, o de Dilma Rousseff parece disposto a frustrar a população. Diante do agravamento do cenário internacional, com efeitos notáveis na atividade econômica interna, seu esforço tem sido o de tentar mostrar que tudo vai bem e que haverá recursos mais do que suficientes para assegurar os investimentos necessários ao crescimento. Sua próxima iniciativa será a liberação de R\$ 10 bilhões do Tesouro Nacional para reforçar as linhas de financiamento do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES).

Mas o que falta não é tanto dinheiro nem muito menos planos. O que falta é um fator indispensável para o empresariado iniciar projetos de médio e de longo prazos: confiança no desempenho da economia no futuro próximo. Essa confiança poderia ser reconstruída com ações concretas que, num momento de dificuldades, o governo tem condições de realizar e que atendem aos interesses do País: a aceleração dos investimentos públicos em infraestrutura, para eliminar os obstáculos ao crescimento.

Nada disso, porém, está sendo feito com a velocidade e a eficiência necessárias. Em vez de agir, o governo tenta disseminar um otimismo cada vez mais descolado da realidade. Não faz muito tempo, a presidente Dilma Rousseff afirmou que a taxa de investimentos no Brasil deverá passar dos 19,5% do PIB registrados no ano passado para 24% ou 25%. Isso asseguraria o crescimento rápido e contínuo da economia. Mas a taxa de investimentos pode cair em 2012.

Há indícios de que a capacidade instalada da indústria está encolhendo, pois, mesmo produzindo menos, ela está utilizando mais intensamente suas instalações. Outro indício de queda de investimentos, levantado pela economista Alessandra Ribeiro, da Tendências Consultoria Integrada, e publicado pelo Estado (21/5), refere-se ao consumo aparente de bens de capitais (resultado da produção local mais importações, subtraídas as exportações), que caiu 4,5% no primeiro trimestre. Ela estima que a taxa de investimentos diminuiu 3,1% no primeiro trimestre em relação ao último trimestre de 2011.


O agravamento dos problemas internacionais está levando empresas de setores vitais para o desempenho da economia a paralisar planos de expansão. Se os gastos do governo fossem mais eficientes e resultassem em melhores condições para a atividade produtiva, haveria um estímulo para os investimentos privados. Mas o governo do PT tem notória dificuldade para administrar os programas de investimentos, de que resultam projetos de baixa qualidade e atraso na liberação de recursos.

Tudo isso se soma a velhos problemas estruturais da economia brasileira, como o sistema tributário excessivamente oneroso e complexo, uma legislação trabalhista que impõe às empresas custos exagerados para a contratação formal de trabalhadores e a infraestrutura precária, o que eleva os custos operacionais.

Para mostrar que não deixará faltar recursos para o setor produtivo, o governo ampliou de R\$ 30 bilhões para R\$ 45 bilhões o total que o Tesouro Nacional colocará à disposição do BNDES para o financiamento, a juros subsidiados, de capital de giro e programas de investimentos das empresas. O início do repasse desses recursos para o BNDES, como parte da segunda fase do Plano Brasil Maior, foi acertado na semana passada pelo ministro Mantega e pelo presidente da instituição, Luciano Coutinho. Em junho, o banco receberá R\$ 10 bilhões e, no segundo semestre, mais R\$ 10 bilhões. O restante ficará para 2013, pois o próprio banco avalia que não precisará neste ano do total que foi colocado à sua disposição.

O resultado da soma de todos os fatores que geram desconfiança no empresariado não poderia ser diferente do apontado ao Estado pelo economista Samuel Pessoa, do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas: "A demanda por investimento despencou".

No momento em que deveria concentrar-se em aumentar seus investimentos e compensar ainda que parcialmente a retração do setor privado, o governo tenta estimular o consumo, com as medidas como as anunciadas há dias. Assim, não dará certo.

	VEÍCULO AMAZONAS NOTÍCIAS	EDITORIA	
	TÍTULO Carlos Souza pede a Dilma que estenda incentivos do setor automobilístico para motocicletas		
	ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL

Com o objetivo de alavancar a economia do país, a presidente Dilma Rousseff (PT) anunciou no início desta semana a liberação de recursos e a redução de impostos para estimular o consumo no setor automobilístico, principalmente o de automóveis e utilitários. O deputado federal Carlos Souza (PSD/AM), solicitou ao governo, através de um indicativo, que estenda esses benefícios para o Polo de Duas Rodas em Manaus.

“O setor de duas rodas em Manaus está vivenciando uma crise por falta de crédito, o governo está esquecendo esse Polo que é tão importante para a cidade de Manaus, já que temos umas das maiores fábricas de motocicletas do mundo no nosso Polo Industrial”, pontuou.

O segmento produtor de motocicletas é uma das molas propulsoras da Zona Franca de Manaus. O setor é responsável pela geração de mais de 40 mil empregos diretos e indiretos. O Polo Industrial de Manaus é composto por 14

empresas fabricantes de bem final e 70 componentistas e responde por boa parte dos indicadores globais de faturamento, mão de obra e investimentos do PIM.

No ano passado o faturamento por subsetor e atividade foi de R\$ 14.450.065,52 (20,95%). Neste ano de 2012 o faturamento acumulado até o momento é de R\$ 3.771.751,10 (23,48%).

“Assim como no setor automobilístico, é necessário reduzir o IOF e o IPI também em financiamentos para a aquisição de motocicletas. Precisamos de um conjunto de medidas de estímulo às indústrias produtoras de motocicletas que possam impactar diretamente sobre o custo do investimento, tornando o produto mais barato para o consumidor”, avaliou.